



Rizomas Urbanos: a cultura como agente de transformação

Urban Rhizomes: Culture as an Agent of Transformation

Eduarda Faria Silva

Arquiteta e Urbanista
Instituto Federal de São Paulo
<https://orcid.org/0009-0003-8069-2165>
fariaeduarda18@gmail.com

Juliano Veraldo da Costa Pita

Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Instituto Federal de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0003-3262-913X>
juliano.pita@ifsp.edu.br

Douglas Luciano Lopes Gallo

Doutor em Urbanismo
Instituto Federal de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0001-7730-9303>
douglas.luciano@ifsp.edu.br

Nota editorial:

Este artigo é uma versão revisada de trabalho selecionado no *fast-track* do III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade para publicação na Revista REGRASP.

Histórico do artigo

Recebido: 29 mar. 2026

Aprovado: 02 abr. 2026

Publicado: 02 abr. 2026

RESUMO

A pesquisa investiga a relação entre cultura e cidade em Paraisópolis-MG, destacando como manifestações e coletivos culturais ocupam o espaço público e influenciam dinâmicas sociais e territoriais. Em contraste com modelos urbanísticos voltados ao desenvolvimento econômico e à homogeneização, o estudo evidencia a insurgência cultural como forma de resistência, rizomática e plural, capaz de ressignificar o espaço e reafirmar o papel simbólico, afetivo e político da cidade. A investigação busca compreender os fatores que fortalecem o pertencimento e a identidade popular, considerando a cidade enquanto força criativa e a cultura como agente de transformação. Nesse sentido, ressalta-se a relevância de incorporar o urbanismo cultural ao planejamento urbano, sobretudo em pequenas cidades, frequentemente invisibilizadas nos debates nacionais e internacionais.

Palavras-chave: insurgência cultural; rizomática; urbanismo cultural.

ABSTRACT

The research investigates the relationship between culture and the town in Paraisópolis-MG, highlighting how cultural manifestations and collectives occupy public space and influence social and territorial dynamics. In contrast to urban models focused on economic development and homogenization, the study emphasizes cultural insurgency as a form of resistance, rhizomatic and plural, capable of re-signifying space and reaffirming the symbolic, affective, and political role of the town. The investigation seeks to understand the factors that strengthen a sense of belonging and popular identity, considering the town as a creative force and culture as an agent of transformation. In this context, the study underscores the importance of incorporating cultural urbanism into urban planning, especially in small cities, which are often overlooked in national and international debates.

Keywords: cultural insurgency; rhizomatic; cultural urbanism.

Introdução

Com o intuito de contrapor-se a essa tendência atual do pensamento urbanístico atrelado ao desenvolvimento econômico, o presente trabalho adota o princípio de valorizar a relação entre a cidade, especialmente Paraisópolis-MG, e as diversas manifestações culturais que nela existem, destacando a importância de entender que as experiências vivenciadas na cidade são tão relevantes quanto a própria dimensão espacial.

O trabalho em questão apresenta-se como o resultado de um conjunto de reflexões sobre a relação entre a cultura e cidade, explorando uma face do Urbanismo além do conhecimento técnico, mas de extrema relevância para se pensar e projetar cidades. Nesse contexto, busca-se observar a interação do cotidiano popular com o espaço urbano, tendo como base as transformações do conceito e da aplicação da cultura no século XXI.

Paraisópolis está situada a cerca de 420 km da capital, Belo Horizonte. Com uma área total de 331,238 km², o município integra a bacia do Rio Sapucaí e localiza-se em uma região de relevo acidentado, típica da Serra da Mantiqueira. Apresenta uma densidade demográfica de 61,72 h/km², revelando um território amplamente rural. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), apenas 4,50 km² correspondem à área urbanizada, o que evidencia o marcante contraste entre a zona urbana, concentrada e limitada, e a extensa área rural que caracteriza grande parte do município.

A pesquisa concentrou-se na análise das manifestações culturais presentes em Paraisópolis-MG, buscando compreender como elas se articulam com o espaço urbano e influenciam a dinâmica social da cidade. Foram investigadas iniciativas como o Integração Hip Hop, a Batalha do Vento, o Sindicato da Cachaça, o Maracatu Mantiqueira e o coletivo Algo&Ritmo, que se destacam por promover atividades artísticas, educativas e de valorização da cultura local. Essas ações culturais foram estudadas não apenas como expressões artísticas, mas como práticas coletivas que fortalecem o sentimento de pertencimento, ocupam espaços públicos e estimulam o engajamento da população.

O principal objetivo da pesquisa é compreender de que maneira as manifestações culturais em Paraisópolis-MG se relacionam com o espaço urbano e contribuem para a construção de identidades coletivas e do sentimento de pertencimento. Parte-se da hipótese de que tais práticas culturais, ao ocuparem o espaço público e promoverem formas de insurgência simbólica e política, atuam como agentes de transformação urbana, capazes de ressignificar territórios e revelar caminhos alternativos ao modelo urbanístico tradicional, centrado apenas no desenvolvimento econômico.

Desenvolvimento

Fundamentação teórica

Rolnik e Guattari (1996) descrevem a cultura como um conceito reacionário, que separa atividades semióticas em moldes isolados e padronizados, que se opõem a transformações sociais e políticas, e desafiam as estruturas estabelecidas de poder. Isso configura o modo de produção capitalístico, profundamente ligado a práticas de controle, repressão e manutenção da lógica do capital, com o objetivo de frear movimentos de emancipação, criação ou qualquer forma de resistência.

Sob essa perspectiva, os autores discorrem sobre a cultura de massa que produz indivíduos a partir de sistemas hierárquicos, sistemas de valores e sistemas de submissão dissimulados que constituem a produção da subjetividade inconsciente, formulados pela máquina capitalística, a qual comanda os nossos sonhos, fantasias, desejos, relações e assim por diante. Desse

modo, não se encontra meios possíveis para se pensar no desenvolvimento de subjetivação singular, ou “processos de singularização”, os quais seriam maneiras de se opor a todos esses modos de manipulação para construir modos de sensibilidade, modos de relação e criatividade que produzam uma subjetividade singular (Guattari e Rolnik, 1996).

Somado a isso, os autores sintetizam três sentidos de cultura ao longo da História, categorizando-os como: sentido A, “cultura-valor”, aquele que transfere à cultura um senso de legitimidade que determina quem a possui, ou não; o sentido B, “cultura-alma coletiva”, que trata de um conceito mais plural e identitário, em que qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural; e, por fim, o sentido C, que entra em conformidade com o que foi apresentado anteriormente sobre o modo de produção capitalístico.

Em consonância com o sentido de “cultura-valor”, Bauman (2013) aponta que o conceito de cultura, surgido no Iluminismo, estava inicialmente ligado à formação moral, ao refinamento dos comportamentos e à difusão do conhecimento pelas classes instruídas. Contudo, a partir das décadas de 1960 e 1970, ocorre uma inflexão, evidenciada pelas análises de Bourdieu (2011), nas quais a cultura passa a atuar como instrumento de distinção social, definindo hierarquias de gosto e excluindo aqueles considerados “não educados”. Já no século XXI, segundo Bauman (2013), sob a lógica da globalização, a cultura se transforma em mercadoria, deixando de formar cidadãos para formar consumidores, sendo apropriada de modo efêmero e orientada por necessidades imediatas, profundamente articulada às dinâmicas do mercado. No que tange ao panorama atual da cultura em um contexto globalizado, Canclini (1997) afirma que estes “acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes”. Com isso, os fluxos e as interações estreitaram fronteiras, alfândegas e conseqüentemente, a autonomia das tradições locais, propiciando mais formas de hibridação produtiva, comunicacional e nos estilos de consumo. Dessa forma, tendo em vista o cenário mundial contemporâneo, questiona-se a possibilidade de democratizar não só o acesso aos bens, mas também, a capacidade de hibridá-los, combinando os repertórios multiculturais. Canclini então destaca a urgência de que os acordos de livre comércio sejam acompanhados por regras que fiscalizem e fortaleçam o espaço público transnacional. Assim, o ideal seria globalizar os direitos cidadãos para que as hibridações multinacionais derivadas de migrações em massa sejam capazes de abranger múltiplas pertencas (Canclini, 1997).

Para tanto, Canclini compreende alguns fatores relacionados à hibridação do tradicional e das culturas populares, considerando uma reinterpretação do tradicional a partir do conceito de que as culturas populares são dinâmicas, especialmente as tradicionais, e não devem ser vistas como formas puras ou imutáveis do passado. Além disso, existe a tensão entre a tradição e o moderno das culturas populares, sendo que o “tradicional” muitas vezes é usado como uma forma de resistência à homogeneização cultural imposta pela globalização, mas ao mesmo tempo, ele se vê influenciado por novas formas de comunicação, novas tecnologias e novas demandas de mercado, o que gera um “hibridismo”, onde elementos do tradicional e do moderno se misturam e se transformam, criando novas expressões culturais (Canclini, 1997). Sob essa perspectiva, Canclini propõe que, ao invés de tentar preservar as culturas populares e tradicionais em um estado puro, é mais relevante entender como essas culturas se transformam e se mantêm vivas ao serem moldadas pela experiência contemporânea. Na mesma linha de raciocínio, o autor discorre sobre a cultura de massa, não só sob uma visão negativa da homogeneização que esta provoca, mas também as possibilidades de resistência que ela oferece, dependendo de como a população interage com ela (Canclini, 1997).

Já em seu último capítulo, Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos, Canclini discorre sobre as transformações culturais geradas pelas tecnologias e por mudanças na produção e circulação simbólica, compreendendo que estas não são responsabilidade apenas dos meios de

comunicação. Isso pois, todos esses processos também estavam associados ao crescimento urbano. Logo, a cidade passa a ser um objeto de estudo que traz coerência e abrange todo dinamismo da análise sobre cultura e hibridação (Canclini, 1997).

É de extrema importância considerar o processo de expansão urbana como uma das causas da hibridação cultural. As sociedades passaram de dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, com pouca interação entre si, a um cenário majoritariamente urbano, com uma oferta simbólica heterogênea, transformada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação (Canclini, 1997).

Como consequência, a urbanização das sociedades contemporâneas se funde com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial - dos meios massivos aos digitais - que modificam os vínculos entre o privado e o público. Por outro lado, viver em cidades grandes não significa se dissolver na massa ou no anonimato, visto que fatores como a violência e a insegurança pública levam a preferência pela intimidade doméstica, encontros confiáveis e uma sociabilidade seletiva (Canclini, 1997).

Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro. Para todos o rádio e a televisão, para alguns o computador conectado para serviços básicos, transmitem-lhes a informação e o entretenimento a domicílio (Canclini, 1997, p.286).

Com isso, a esfera pública deixa de ser o lugar da participação racional a partir do qual se determina a ordem social. A cidade deixa de ser usada para a teatralização política, as medidas econômicas e a comunicação com o povo são anunciados pelos meios digitais. Assim, a vivência urbana, as passeatas, os atos nas ruas e praças são eventuais ou têm menor eficácia, o que se cruza com a perda do sentido de cidade diretamente relacionado às dificuldades dos partidos políticos e sindicatos para convocar trabalhos coletivos não-rentáveis (Canclini, 1997).

Essa desestruturação do espaço público e sua relevância como ambiente de interação, emergência de ideias e coletividade também foi mencionada por Bauman em seu livro *Em Busca da Política* (1999):

A chance para mudar isso depende da ágora — esse espaço nem privado nem público, porém mais precisamente público e privado ao mesmo tempo. Espaço onde os problemas particulares se encontram de modo significativo — isto é, não apenas para extrair prazeres narcisísticos ou buscar alguma terapia através da exibição pública, mas para procurar coletivamente alavancas controladas e poderosas o bastante para tirar os indivíduos da miséria sofrida em particular; espaço em que as idéias podem nascer e tomar forma como “bem público”, “sociedade justa” ou “valores partilhados”. O problema, no entanto, é que restou hoje pouco dos espaços públicos/privados à moda antiga, ao passo que não se vêem em lugar algum novos espaços capazes de substituí-los. As velhas ágoras foram ocupadas por empreiteiras e recicladas como parques temáticos, enquanto poderosas forças conspiram com a apatia política para recusar alvarás de construção para novos espaços. (Bauman, 1999, p. 9)

Desse modo, se reduziu a credibilidade de movimentos sociais e culturais, a partir da menor visibilidade das estruturas macrossociais, a subordinação a sistemas não materiais e diferidos de comunicação que mediatizam as interações pessoais e grupais. Assim, a mobilização social fragmentou-se em processos mais difíceis de totalizar com a emergência de múltiplas exigências, ampliada pelo crescimento de reivindicações culturais e relativas à qualidade de

vida, representadas por movimentos urbanos, étnicos, juvenis, feministas, ecológicos, entre outros (Canclini, 1997).

Ao destacar a fragmentação das mobilizações sociais e culturais, Canclini chama atenção para o desafio atual: como articular um direito à cidade que incorpore as múltiplas vozes, identidades e demandas que emergem dos territórios urbanos. Os movimentos citados representam formas de reivindicação que escapam à lógica tradicional da política institucional e que, mesmo pulverizados, expressam desejos legítimos por inclusão, reconhecimento e dignidade no espaço urbano.

Desse modo, mesmo com a fragmentação mencionada, essas mobilizações configuram novas formas de luta pelo direito à cidade, onde o urbano é entendido como campo de disputa simbólica, política e cultural. A partir dessas práticas descentralizadas, a cidade deixa de ser apenas um espaço físico e passa a ser um espaço vivido, apropriado e reivindicado por diferentes sujeitos coletivos, que constroem sentidos plurais de pertencimento e transformação.

Sob esse viés faz-se necessário pensar no posicionamento do direito à cidade de Henri Lefebvre. Para ele “o direito à cidade não se pode conceber como um simples direito de visita ou de regresso às cidades tradicionais. Ele só pode formular-se como direito à vida urbana, transformada e renovada” (Lefebvre, 1968, p.117-118). Em concordância, David Harvey sintetiza essa questão inserindo o caráter coletivo:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização (Harvey, 2014, p.28).

Nessa lógica, Canclini (1997) afirma que a eficácia desses movimentos depende da reorganização do espaço público, visto que as identidades coletivas se encontram cada vez menos na cidade, onde é seu palco construtivo, sendo observado o cenário descrito pelo autor:

Em uma época em que a cidade, a esfera pública, é ocupada por agentes que calculam tecnicamente suas decisões e organizam tecnoburocraticamente o atendimento às demandas, segundo critérios de rentabilidade e eficiência, a subjetividade polêmica, ou simplesmente a subjetividade, recolhe-se ao âmbito privado. O mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de status. As ruas tornam-se saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica (Canclini, p.288, 1997).

Segundo a teoria da produção do espaço de Lefebvre ([1974] 2006), o espaço social é um produto social. Dessa forma, o espaço está essencialmente atrelado à realidade social, visto que o espaço não existe por si só, ele é produzido. Assim como o *tempo* que relata o processo histórico da produção social, sendo o espaço e o tempo, aspectos integrais da prática social. Isso pode ser compreendido a partir da lógica de Lefebvre de ter como aspectos centrais para sua teoria, os próprios seres humanos, em sua fisicalidade e a percepção sensorial, em sua sensibilidade e criatividade, suas ideias e crenças e interações entre si por meio de suas atividades e práticas. Logo, o que é o espaço se não o produto das atividades, do trabalho e das interações humanas? (Schmid, 2012).

A obra de Henri Lefebvre ([1974] 2006) propõe uma compreensão do espaço urbano a partir de uma tríade dialética composta por dimensões interligadas. O espaço percebido refere-se

às experiências sensoriais e às práticas cotidianas dos indivíduos; o espaço concebido corresponde à dimensão técnica e abstrata, produzida e organizada por especialistas como arquitetos, urbanistas e gestores; e o espaço vivido diz respeito aos sentidos, símbolos e significados que as pessoas atribuem ao espaço, expressos nas formas como o habitam, se apropriam e nele constroem suas vivências.

Nessa perspectiva, quanto à relevância da cultura para a cidade, Seldin (2008) compreende o urbano para além de sua dimensão física, incluindo não apenas o desenho e a aparência dos espaços, mas também seus significados simbólicos, como memórias e lembranças, conforme aponta Giulio Carlo Argan (Argan, 1992, apud. Seldin, 2008, p. 9). A cidade, assim, exerce um papel formador, capaz de humanizar e transformar seus habitantes, influenciando modos de vida, valores e desejos, sendo entendida como uma “máquina pulsante” que territorializa os sujeitos, como propõe Castro (Castro, 2004, apud. Seldin, 2008).

Ao reconhecer esse papel ativo da cidade nos processos de subjetivação, evidencia-se que o espaço urbano não é neutro, mas atua diretamente na construção das identidades. No entanto, diante da crescente influência de lógicas mercadológicas e padrões globalizados, torna-se necessário pensar formas de resistência a essas dinâmicas. Nesse sentido, Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) propõem o conceito de singularização como um processo automodelador que rompe com padrões hegemônicos, permitindo que a cidade também seja um espaço de experimentação cultural e produção autônoma de sentidos.

Os processos de singularização se opõem à subjetivação capitalística e emergem nas experiências cotidianas, como o desejo de se relacionar, criar e viver, manifestando-se também na relação com a arte, que pode gerar novas formas de percepção e sensibilidade. Nesse contexto, destaca-se a importância da aproximação com práticas criativas desvinculadas das lógicas dominantes, nas quais as relações humanas e a sensibilidade orientam a construção de autonomia, conforme a ideia de revolução molecular.

Por fim, ao entender a cultura como forma de expressão, evidencia-se seu potencial político de resistência, mobilização e transformação do espaço urbano. Assim, torna-se fundamental incentivar manifestações culturais diversas e de qualidade, capazes de dar visibilidade às múltiplas camadas sociais e promover representatividade. Para Seldin (2008), cidade e cultura são indissociáveis: a cidade resulta da interação entre diferentes culturas, enquanto a cultura expressa os imaginários sociais e urbanos, constituindo uma complexa dimensão simbólica do espaço. Os signos urbanos que compõem a cidade não só influenciam e modelam seus usos, gerando variações de linguagens do urbano, como interferem na criação e recriação de espaços e usos da cidade. Assim, diversas culturas visuais urbanas se revelam tanto no físico (edifícios, praças, viadutos, etc.), quanto na presença humana (usos do espaço, do corpo, da tecnologia, etc.) (Diógenes; Campos & Eckert, 2016).

Considerando as reflexões levantadas sobre a cultura, a teoria do rizoma de Deleuze e Guattari (1995) surge como um conceito estruturante para compreender a reflexão do contexto cultural abordada neste projeto, tornando-se fundamental sua apropriação no campo das dinâmicas culturais contemporâneas. Assim como os filósofos compreendem a construção do rizoma como algo que não parte de uma única estrutura específica, a cultura se desenvolveu e se desenvolve contemplando a multiplicidade.

Nessa perspectiva, pode-se entender a cultura como um elemento conectado aos demais (política, sociedade, identidade, memória, organizações, movimentos sociais, cidade, etc.) compondo uma extensa “cadeia semiótica”, na qual a multiplicidade e as diferenças se diluem e se multiplicam; as linhas se rompem, se reconstróem e se misturam. Isto é, esse trabalho ou qualquer outro não detém a capacidade de definir o que é a cultura, mas sim de buscar as circunstâncias que a envolvem e afloram para além do seu significado.

Assim, a partir das circunstâncias analisadas e dos elementos que abarcam e mantêm a cultura viva (identidade e memória) podem ser definidos como rizomas urbanos que determinam tal relação com fluxos culturais e conexões espontâneas que modelam o espaço de forma não-linear, criando novas formas de organização e resistência no território. Nesse contexto, estudar as transformações advindas dos movimentos e ações culturais pode não apresentar uma conclusão ou um dado concreto de sua eficácia, mas expõe a conexão de uma população com seu povo, com seu território, suas problemáticas e estratégias de transformação social e reafirmação de suas identidades e construções pessoais.

Metodologia

A partir de então, a pesquisa apresentada fundamenta-se na articulação entre as dinâmicas culturais observadas em campo e os referenciais teóricos sobre cultura e produção do espaço. Para isso, a metodologia adotada foi de caráter qualitativo e exploratório, estruturada em quatro etapas principais. A primeira consistiu em uma revisão bibliográfica, reunindo referências sobre cultura urbana, ações culturais em espaços públicos e seus impactos nas dinâmicas territoriais. Em seguida, realizou-se a pesquisa documental em arquivos e órgãos municipais, além da coleta de materiais junto a moradores, suprindo a escassez de dados disponíveis em bases digitais. A terceira etapa correspondeu à pesquisa de campo, que incluiu a observação direta do território e o contato com agentes culturais e moradores por meio de entrevistas informais e registros *in loco*, utilizando análise de conteúdo, o que permitiu compreender percepções, motivações e relações sociais.

Resultados e discussão

Com base nessas reflexões teóricas, torna-se possível compreender a relevância de observar, na prática, como a cultura se manifesta e se territorializa. Nesse sentido, foram escolhidas algumas das manifestações culturais de Paraisópolis, que evidenciam o espaço público como lugar de encontro, memória e identidade coletiva. Entre elas destacam-se o Integração Hip Hop, a Batalha do Vento, o Sindicato da Cachaça, o Maracatu Mantiqueira e a Algo&Ritmo, como apresenta a Tabela 1 e a Figura 1 abaixo:

Quadro 1

Quadro das cinco manifestações culturais escolhidas para análise em Paraisópolis-MG

Integração Hip Hop	O coletivo Integração Hip Hop nasceu em Paraisópolis-MG, em 2015, com um grupo de jovens que tomaram a iniciativa de apresentar e promover a arte e a Cultura Hip Hop na cidade. Suas atividades principais estão voltadas para a cultura urbana e a arte-educação do Sul de Minas Gerais, visando principalmente o público infanto-juvenil, promovendo oficinas de breaking, rima, graffiti e diálogos com artistas da cultura Hip Hop.
Batalha do Vento	Os fundadores Mayron Alexssander (MC e apresentador da batalha) e Claudilson Alcino (jurado), junto com os amigos Samara Giovana (DJ), Maria Júlia Silveira (educadora, artista e membro do Integração Hip Hop) e Higor Muskytu (artista grafiteiro e membro do Integração Hip Hop), criaram a Batalha do Vento para promover as batalhas de rima na cidade.
Sindicato da Cachaça	Segundo um dos fundadores, Thales Andrade, o movimento procura fortalecer cada vez mais a cultura local, focada principalmente na cultura do samba e carnaval que possui forte raiz do povo negro no município, com o objetivo de se aproximar cada vez mais da população mais vulnerável, gerando oportunidades de convívio social, aprendizados e fortalecimento social, trazendo conhecimento e intercâmbio cultural através de oficinas.

Maracatu Mantiqueira	A partir da busca pela difusão da cultura, Marcel (fundador) descreve o Maracatu como algo de pertencimento profundo, em que cada membro se compromete com a cultura e o trabalho do grupo, demonstrando a força da coletividade e a cultura como motor de transformação e mobilização social e urbana.
Algo&Ritmo	De acordo com Z3g3r (fundador), através da arte, os eventos e produções da Algo&Ritmo tensionam o conservadorismo estético, político e sexual local, a fim de instaurar encontros e diálogos afirmativos entre pessoas com diferentes concepções de vida e mundo, e assim de democratização do espaço público.

Nota. Fonte: Integração Hip Hop, Batalha do Vento, Sindicato da Cachaça, Maracatu Mantiqueira e Algo&Ritmo, 2025.

Figura 1

Fotografias de eventos das manifestações culturais presentes em Paraisópolis-MG.



Nota. Fonte: Integração Hip Hop, Batalha do Vento, Sindicato da Cachaça, Maracatu Mantiqueira, 2025.

No mais, além dos coletivos culturais já mencionados, foi realizado um levantamento de outras manifestações do território. Na Zona Rural, estas foram agrupadas de acordo com seus bairros de referência, destacando-se especialmente festas e eventos religiosos como formas tradicionais de expressão cultural. Para além do caráter religioso, também foram mapeadas iniciativas ligadas à produção artesanal e gastronômica, como o Sítio Lumiar, conhecido pela fabricação de queijos, iogurtes, doces mineiros e outros produtos típicos. Outro destaque é a Cervejaria Zalaz, que, além da produção de cervejas artesanais e opções gastronômicas, se tornou um importante ponto de encontro ao promover eventos culturais no local.

Já as manifestações culturais urbanas foram localizadas com base em suas sedes de organização, como é o caso do Sindicato da Cachaça, da Lira Musical Cônego Benedito Profício e do Integração Hip Hop. Outras iniciativas, como a Batalha do Vento, o Maracatu Mantiqueira, o Algo&Ritmo e o coletivo Urbanidade e Skateboarding, foram representadas por pontos de referência associados às suas atividades.

A Batalha do Vento foi posicionada a partir da residência de um de seus organizadores, visto que as batalhas são realizadas em diversos locais da cidade, sem uma localização fixa; o Maracatu Mantiqueira teve como referência a Casa de Cultura Irmãs Carvalho, onde o grupo realizou grande parte de suas ações; o coletivo Algo&Ritmo foi mapeado no Art&Rock Pub, espaço que concentra suas apresentações musicais mais frequentes; e o Urbanidade e Skateboarding está associado à Galeria do Vento, bar onde atua o fundador do movimento e onde também ocorrem eventos culturais ligados ao skate, com destaque para apresentações de DJs locais que contribuem para movimentar a cena urbana da cidade.

Abaixo está o mapa do território e algumas de suas manifestações:

Mapeamento preliminar das manifestações culturais de Paraisópolis-MG



MANIFESTAÇÕES URBANAS

- IHH** Integração Hip Hop
- US** Urbanidade e Skateboarding
- BV** Batalha do Vento
- SC** Sindicato da Cachaça
- MM** Maracatu Mantiqueira
- AR** Algo&Ritmo
- LM** Lira Musical Cônego Benedito Profício

MANIFESTAÇÕES RURAIS

- BA** Bairro de Áreas
- BB** Bairro da Bomba
- BL** Bairro da Lagoa
- PF** Ponte de Ferro
- DC** Distrito dos Costas
- PI** Bairro Pinhalzinho
- PB** Bairro Pedra Branca
- CZ** Cervejaria Zalaz
- SL** Sítio Lumiar

Nota. Fonte: Elaboração própria, 2025.

O mapeamento realizado possibilitou compreender os processos de territorialização das manifestações culturais, sobretudo diante da expressiva área rural do município e das múltiplas formas de expressão presentes em uma cidade de pequeno porte, marcada por tradições e especificidades locais. Ademais, observa-se que parte dessas manifestações não é estritamente de origem local, mas resulta de processos de hibridação cultural, conforme discutido na pesquisa. O estudo também evidenciou a existência de outras expressões culturais não contempladas no levantamento, suscitando o interesse por seu reconhecimento e aprofundamento em investigações futuras.

Essas expressões populares, muitas vezes não formalizadas, foram valorizadas ao longo da pesquisa como agentes legítimos de transformação social. Elas apontam para a possibilidade de estruturação de uma rede de cultura alimentada não apenas pelas diretrizes oficiais, mas sobretudo pela força criativa e participativa da própria população.

Considerações finais

No decorrer desta pesquisa foi construída uma perspectiva sobre a cultura como algo além de suas manifestações artísticas e juízos de valor. Para tanto, foi necessário destacar a importância da sua relação com a cidade e com o ser humano. Também foram abordados os processos de funcionalização e mercantilização da cultura em meio a um cenário econômico globalizado que visa manter a ordem dominante do capital. Nesse contexto, foram exploradas as possibilidades de transcender essa ordem a partir da própria cultura, como resistência e instrumento de identificação da população com suas origens, desejos e expressões genuínas. A relevância deste estudo está principalmente na busca pelo olhar e aprofundamento de um campo do Urbanismo que prioriza o diagnóstico das dinâmicas sociais e culturais das cidades para definição de diretrizes que contemplem a cultura, as vivências dos habitantes e seus desejos para o planejamento das espacialidades que habitam. Isso pois, o que se observa com frequência atualmente é uma aplicação do Urbanismo atrelada aos interesses econômicos e reduzida à uma pequena parcela privilegiada da sociedade. Além disso, a escolha pelo objeto de estudo, a cidade de Paraisópolis-MG, tem como intenção enfatizar a necessidade de se pensar o planejamento urbano na escala de pequenas cidades que não possuem um destaque e um reconhecimento nacional e internacional.

Assim, buscou-se verificar a relação entre cultura e cidade a partir das ações culturais de Paraisópolis-MG, apresentando suas características principais, processo de formação, o trabalho realizado e o impacto disso no espaço urbano e na vida social dos moradores. A partir de então, notam-se aproximações entre uma e outra, não só pelas parcerias desenvolvidas entre elas na promoção de eventos culturais, mas também no caráter educativo e voluntário presente em cada uma. Além da representação de Paraisópolis-MG em suas iniciativas, com o propósito de olhar para a cidade e sua população com cuidado, carinho e demonstração da identificação e pertencimento que os próprios membros dos coletivos sentem.

Vale ressaltar a contribuição das bibliografias utilizadas para a compreensão da evolução da cultura na contemporaneidade, tendo em vista que os processos de hibridação comentados no primeiro capítulo podem ser claramente revelados a partir da vertente cultural de cada ação: a cultura do hip hop, do samba, do maracatu e das manifestações e produções audiovisuais da Algo&Ritmo que tem como principais inspirações a música eletrônica, a cidade de Paraisópolis e as iniciativas de resistência dos corpos LGBTQIA+. Essas são exemplos do impacto da globalização, sendo que a origem de cada uma delas é diferente e não é própria do município em questão, fato que também expõe o lado positivo do hibridismo cultural, a democratização e enriquecimento cultural através das misturas e diferentes apropriações.

Outro ponto fundamental é a espontaneidade, a criatividade, a força coletiva e voluntária das ações culturais, visto que os grupos se alimentam do puro interesse dos fundadores, demais membros e do público que acompanha e valoriza o trabalho realizado. As oficinas, apresentações e artes expostas pelas ruas são grandes exemplos dos signos urbanos e da visão da cidade como força criativa. Não obstante, acima de todos os paradigmas e estigmas de uma cidade pequena tradicional, faz-se presente os diálogos de reflexão histórico-social por parte dessas manifestações que também carregam o cunho político em suas ações.

Referências

- Bauman, Z. (2000). *Em busca da política*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2013). *A cultura no mundo líquido moderno* (C. A. Medeiros, Trad.). Zahar.
- Bourdieu, P. (2011). *A distinção: Crítica social do julgamento*. Zouk.
- Canclini, N. G. (1997). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (A. R. Lessa & H. P. Cintrão, Trans.). EDUSP.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). Rizoma. In *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1, A. G. Neto & C. P. Costa, Trans.). Editora 34.
- Diógenes, G., Campos, R., & Eckert, C. (2016). As cidades e as artes de rua: Olhares, linhas, texturas, cores e formas. *Revista de Ciências Sociais*, 47(1), 11–24.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (4ª ed.). Vozes.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. Martins Fontes.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). *Paraisópolis: Panorama*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/paraisopolis/panorama>
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade* (R. E. Frias, Trad.). Centauro.
- Lefebvre, H. (2006). *A produção do espaço* (D. B. Pereira & S. Martins, Trans.). [Manuscrito não publicado]. (Obra original publicada em 2000).
- Schmid, C. (2012). *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: Em direção a uma dialética tridimensional* (M. I. M. Marques & M. Barreto, Trans.). GEOUSP.
- Seldin, C. (2008). *As ações culturais e o espaço urbano: O caso do Complexo da Maré no Rio de Janeiro* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].